



Banabuyé
304 Anos

A Arcádia



Esperança
91 Anos

Órgão de história – Publicação Mensal
historiaesperancense@gmail.com

ANO III Quinta, 07 de setembro de 2017 N°26

DIA DA PÁTRIA – SALVE A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL!

O “Sete de Setembro” em Esperança era comemorado com grande galhardia. O alvorecer tinha o som das cornetas e trompetes da banda do professor Peixe. Os jovens estudantes hasteavam a bandeira na Praça da Cultura com todo o cerimonial que a data exigia. Durante todo o dia se regozijava o espírito da liberdade da nossa “pátria amada, idolatrada”.



A tarde as escolas faziam seus desfiles e evoluções na avenida Manuel Rodrigues. Os estudantes todos fardados, marchavam ao som das bandas marciais. As imagens ao lado retratam um pouco desta realidade que vivenciamos em nosso Município. Salve a independência do Brasil!



EXPEDIENTE:

A Arcádia - Jornal de história

Publicação Mensal - Ano III, Nº 22

Redatores: Rau Ferreira/Hauane/Heloise

Contato: historiaesperancense@gmail.com

Aceita-se produção textual e contribuições:



A REVOLTA DAS GALINHAS CONTRA O CARNEIRO LADRÃO, Por Evaldo Brasil

No final da década de 40 um fato pitoresco marcou as relações entre um tio, seu sobrinho e vizinhos.

Antônio Cândido da Costa, cujo grande orgulho era um carneiro de estimação com cerca de 80kg, costumava depenar as galinhas dos amigos para depois almoçá-las festivamente. Todos davam por conta da falta de seus melhores espécimes, ao mesmo tempo em que estranhavam tantos convites do Tio Antônio para almoçar justamente galinha.

Silvestre Batista, um dos primeiros a desconfiar das artimanhas do tio, convocou outras "vítimas" para ir às forras. Plano elaborado, foram à caça do carneiro. Embora não tenha sido fácil, capturaram o estimado e volumoso caprino, promovendo em seguida uma buchada. Quem foi o convidado de honra? Antônio Cândido.

Apesar de revoltado e instigado pela esposa Maria Júlia a reagir, o "ladrão de galinhas" perdeu o mau costume, graças ao desgosto do revide. Maria Júlia, por sua



vez, parece nunca ter perdoado a trupe a quem acusou de "quadrilha de ladrões de bode".

Armados até os dentes com pistola, peixeira e espingarda, e sem deixar de fazer cara feia, a bem-humorada turma de aventureiros posou para a posteridade.

Segundo nos consta, o roubo do carneiro não "deu bode" e mesmo que o "crime" tenha sido premeditado, a estripulia não levou nenhum a entrar para o cangaço. Com o tempo, tudo voltou a aparente normalidade, afinal, foram elas por ele.

Na fotografia podemos ver: Antônio Targino, Silvestre Batista, José Arlindo, "Alemão" e Carneiro Targino (a intrépida trupe).

O caso foi publicado como fotolegenda em 1995, na 23ª edição do jornal Novo Tempo, especial dos 70 anos de Esperança.

UM CONTO DE CANDIDO

RAIMUNDO, por Rau Ferreira

Cândido Raimundo Freire era um fazendeiro rico, foi o primeiro agricultor a ter um rádio o que na época era sinônimo de prestígio. Tinha muitos trabalhadores e era considerado um bom patrão. Certa feita, ao fazer a paga semanal foi informado por um dos seus empregados de nome Tibúrcio havia sido preso na cidade.

Tibúrcio tinha uma família grande, oito ou nove filhos. Era esforçado na lida do campo, mas tinha muitas bocas para alimentar e acabou preso acusado de pegar uma galinha. Assim que seu Cândido soube foi a procura do delegado, pagou-lhe a fiança e o tirou da cadeia. Em seguida, perguntou:

- Por que você fez isso?

- Se o senhor visse os filhos passando fome, pedindo algo para comer não faria o mesmo? Disse-lhe Tibúrcio.

Ouvindo isso o fazendeiro perguntou:

- Mas você quer trabalhar?

- Quero sim senhor – respondeu o agricultor.

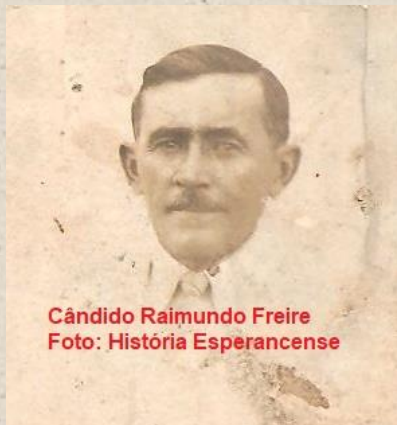
- Bem, acabei de comprar uma cinquentena de terra que comprei no Lagedão e quero que você tome conta pra mim, plantando batatinha.

Isto aconteceu na década de 40, quando o plantio desta leguminosa em nossa cidade ganhava vulto. A expressão da

batatinha destacou Esperança no cenário nacional.

E completou o fazendeiro:

- Toda semana você me procure, e o que precisar fale comigo, só não pegue mais no alheio!



Depois de 60 dias, que é o tempo do plantio da batata, seu Cândido foi até o Lagedão acertar com Tibúrcio. Levou um caminhão e uma balança, então fez as contas. Naquele tempo a sobra era entregue ao trabalhador e Cândido o fez, entregando-lhe o produto

dizendo:

- Vou lhe vender esta terra pelo preço que comprei, não vai lhe sobrar muito, eu sei, mas você terá o suficiente para comer e vestir, e no mais, o que precisar, fale comigo.

Tibúrcio agradeceu e fez como seu patrão ordenou, e assim criou toda a sua família.

Dona Santa Moreira, que reside em Cacimba de Dentro/PB, foi quem me contou essa história, na sexta-feira da paixão de 2012, por volta das 15h30, no auge de seus 84 anos, dando testemunho de nosso torrão e da família Ferreira, além de narrar outros fatos que serão a seu tempo mencionados neste espaço.

Ela é prima do meu avô materno. Obrigado dona Santa pela sua memória infalível, história viva de nossa família, da qual temos muito orgulho.

Cândido Raimundo Freire é meu bisavô paterno. Papai me falava de umas moedas de ouro que ele escondia na cristaleira, mas isso é uma outra história.

Poesia e arte.....

Versos de **João da Retreta**, pseudônimo atribuído a **Silvino Olavo**, ensaiando uma poesia que se diz modernista:

*Nove horas... A corneta
Soa longe os sons fatais... Finda a retreta...
Ela passou... Deu com meu vulto esquivo.
Com um olhar rápido e vivo
Iluminou-me todo e... passou...
Nunca soube que a amei, porque nunca me amou.*

*Menino, nunca achei
Forte que não destruísse
Peso que não erguesse
Perigo que não investisse
Cantador nunca encontrei
Que uma hora me resistisse*

João Benedito

Vaidade

*Vaidade das vaidades
Tudo é vaidade humana!*

*De todas as ilusões profanas
Ela - a vaidade - é puro desvalor;
Arde-lhe uma chama insana,
Mais voraz que o próprio amor.*

*Leve e quebradiça como a cana
Sedutora como a mais tenra flor;
Deita-se quem não lhe conhece a cama,
E bebe quem nunca provou-lhe o sabor.*

*A vaidade é a mulher-dama
Abrindo-se ao terreno do amor;
O homem, quedando-se, se engana,
E finda, pó e cinza, o seu decor.*

Rau Ferreira

Objeto indireto

*Sou um complemento
Que vem diluindo
Ou verso sem pressa
Objeto in-di-re-to.*

Hauane Maria

*Há entre o homem e o tempo
Contradições bem fatais!
O homem não faz, mas diz!
O tempo não diz, mas faz!
O homem não traz nem leva!
Mas o tempo leva e traz*

João Benedito

Diversidade

*São tantos costumes
Passados de mão em
Mão. De carinho em carinho.
De irmão em irmão
Do africano ao português,
Do português ao africano...
Até chegar em suas mãos.*

Hauane Maria

Saudade

*A saudade é uma dama
De feição muito ingrata
Deveras tece a sua teia
Enrama que nem batata.*

Rau Ferreira